

Estratégias de mobilidade e permanência na interface dos agenciamentos migrantes

*Isis do Mar Marques Martins**

1 OS AGENCIAMENTOS – PERSPECTIVAS PARA AS MIGRAÇÕES

Comum na psicologia, filosofia e, recentemente, na sociologia, o termo possui muitas incertezas, sobretudo, à linha teórico-metodológica a seguir. Anthony Giddens (2000) por exemplo, ao tratar das relações de conhecimento e cultura entre grupos sociais fortalecidos, como o caso das mulheres e dos negros norte-americanos, trata dos *agencies*, fruto das interações sociais e culturais que culminam em particulares processos. Mesmo os termos *agência* e *agenciamento* são utilizados nos estudos migratórios sob o aspecto da exploração e terceirização de serviços dos migrantes que, em muitos casos, os marginalizam e suscitam uma série de preconceitos. Mas também, e de forma bastante apropriada, denunciam processos de atravessamentos de grupos migrantes a partir de uma série de agentes que se aproveitam de sua situação. São os casos dos chamados *coiotes*, *traficantes* ou *agenciadores*.

Aqui tratamos de agenciamentos a partir da escola francesa estruturalista e da chamada pós-estruturalista, sobretudo da filosofia e sociologia, que entende que os agenciamentos são interações sob influência de um conjunto de processos, nos quais a participação do espaço é fundante e onde os elementos de um determinado espaço e de um determinado tempo são múltiplos, isto é, diversos. Grosseiramente falando, é a maneira de experienciar um momento, uma imagem e um lugar conforme suas visões de mundo, seus conceitos e pré-conceitos. Obviamente é amplo e infinito esse processo de *experienciação*, e muito particular para cada sujeito.

Gilles Deleuze e Felix Guattari (2010) tratam essa ideia de agenciamento ligados a elementos espaciais e múltiplos. Esses agenciamentos são, sobretudo, expressões políticas no espaço e para os sujeitos, considerando que podem

* Pós-doutoranda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. Também é pesquisadora vinculada ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

acarretar uma mudança de pensamento e de ações desse sujeito. Contudo, acontece de tais ações estarem ligadas a um terceiro agente, seja o capitalismo, o Estado ou o que eles apontam como máquinas que se ligam à produção do desejo das pessoas e formulam perspectivas que não são legitimamente seus próprios desejos.

O corpo produz formas e forças produtivas a partir do desejo, mas os corpos procuram uma “harmonia ao caos” das máquinas desejanter. *A máquina desejanter* se liga ao que Deleuze e Guattari (2010) denominam de *máquina paranoica do corpo sem órgãos*, que é um mecanismo de interação com as relações externas. Se, na relação em que opera a máquina desejanter, a fluidez é contínua e múltipla, em processos *terceirizados* a relação se torna contraproducente ao desejo do corpo, para um corpo do desejo, tornando-se registro. A contraprodução é, na realidade, a expressão de uma das múltiplas produções do desejo. A principal questão para eles é que a psicanálise, ao caracterizar o desejo como falta e representação, omite a sua multiplicidade como produção ligada ao corpo.

Assim, em vez de participar de um empreendimento de efetiva libertação, a psicanálise se inclui na obra mais geral de repressão burguesa, aquela que consistiu em manter a humanidade europeia sob jugo do papai-mãe, e *a não dar um fim a esse problema* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 71).

Os agenciamentos, assim, alimentam discursos e produtos de discursos que engendram determinadas funções e determinados atos para a sociedade. Mas agenciar não é somente um ato nebuloso, que alimenta ideologias (aliás, não existe ideologia para Deleuze e Guattari (2010)), mas um processo de produzir desejos que se expressam a partir de um conteúdo, que pode ser falar, mas podem ser também gestos ou até silêncios. Também não são *uno*. São, sobretudo, resultantes de um contexto, de uma configuração que envolve uma relação que é imanentemente múltipla.

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo [...] Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) [...] Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num

rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, Pp.16-17).

Ainda, um agenciamento não é precisamente um radical, mas um conjunto de relações que aparecem em um espaço-tempo para um sujeito, mas também que interfere em todos os sujeitos à sua volta e no seu espaço. Eles definem, a partir dessas concretudes na e da multiplicidade, duas formas de agenciamento que se processam a partir da relação com o outro: *Agenciamentos coletivos de enunciação* e *Agenciamentos maquínicos de desejo* (Deleuze e Guattari, 1995).

O primeiro surge conforme se expressa uma ordem, um ditame, mesmo em movimentos que sejam vinculados a causas opostas do Estado, por exemplo. Isto quer dizer que os agenciamentos coletivos de enunciação são as conjugações sociais de palavras e significados que resultam em um processo de produção do conhecer a partir de um grupo. O segundo (maquínicos de desejo) se transforma e surge nas transformações internas (distinto do agenciamento de enunciação), e resultam na ação e na mudança de atitude da máquina tanto corpórea quanto do pensamento e do conhecer, isto é, atua diretamente na produção desejante, quando incorpora um desejo externo e o acopla aos desejos potenciais e internos do sujeito¹.

É nesse sentido que ocorrem agenciamentos de cidadania pois, se o termo possui vários critérios que partilham a construção da cidade conforme os ditames de determinados discursos e enunciados, e tais vão produzir atos concretos no espaço e na cidade, construir cidadania ainda é uma utopia, tal qual ela é referida tanto no aparato da força da lei, quanto na sua exceção, e mais ainda na sua busca conceitual para compreender o seu papel no espaço e/ou no território.

Não esqueçamos que, quando falamos em qualidade de vida, não é possível apartá-la ao ponto de mascarar as discrepâncias sociais e espaciais da desigualdade e do bem viver. Qualidade de vida envolve e permeia todo um espaço de equipamentos que funcionem e que efetivamente construam e garantam a vida de um ser humano, não por assistencialismo ou necessidade, mas porque somos também parte desse mecanismo, desse aparato, quando elegemos representantes e, seja lá como for, provemos e construímos dia a dia, no nosso cotidiano, nossa própria cidadania, seja formal, informal emergente, insurgente ou simplesmente contestada enquanto força arbitrária.

Quando tratamos de insurgências de cidadania, e até insurgências de cidade, surgem tanto do prisma da intelectualidade quanto do Estado, múltiplos discursos insurgentes. Tais discursos vêm, ora de lideranças locais, atores sociais, moradores, dentre outros, e também engendram um grupo ou uma determinada organização. Não aqui querendo defender qual a melhor ou pior linguagem, no amplo sentido da palavra, que ampare todas as relações possíveis com a cidadania, mas custa-nos hoje pensar também nos agenciamentos que se geram

em discursos muitas vezes legitimadores do poder e das formas de consolidar o mando, a voz do mando, a linguagem do mando. Ademais, até que ponto a voz que parece ser a voz dos *de baixo* é muitas vezes máquina política, e se faz de um senso comum a fim de *abaixá-la* mais ainda?

Nesse sentido, é necessária a análise da interação entre imigrantes e suas transformações espaciais que afetam socialmente e se relacionam com outros agentes sociais. Essa reflexão acompanha a necessidade de analisar o processo da entrada de haitianos no Brasil e de pensar em todas essas contribuições que estão interligadas.

2 AGENCIAMENTOS E ESTRATÉGIAS: CARTOGRAFIAS DO DESEJO

Pensemos na mobilidade e na sua inerência. Pensemos que, ao romper essa inerência, restringimos também a vontade de mobilizar. A vontade aparente.

Quando alguém diz: *Não saia para tal lugar, é muito perigoso*. Seu amigo ou sua amiga, secretamente, percebendo sua vontade mesmo pelo alerta, repete a informação: *Não vou, é muito perigoso, não podemos sair de onde a gente desconhece e somos alertados*. Volta-se atrás. O perigo e a solidão da opinião convertem-se em perigo, recuar é preciso.

O que isso pode significar? Que o que deve ser feito é uma política de retirada do migrante à cidade, já que o que ele quer mais que tudo em sua vida é retornar ao lugar deixado? Que deve ratificar o migrante como problema para as cidades, alienado, jogado à miserabilidade e à periferia da ordem urbana?

O que acreditamos que se deve compreender, para além da análise superficial do problema migrante-problema (Martins, 2013), mas as referências de reflexão do migrante ao ser revelado por uma questão aonde, como vimos discretamente no primeiro deslocamento, gera a angústia e a aflição de sua própria contraditoriedade na cidade que ele acaba não considerando como sua, já que o outro não o considera como cidadão. Da mesma maneira, não se sai e não quer sair do lugar onde está, em relação ao lugar deixado. O acostumar-se é mais que o hábito de ser e estar, pois como vimos, se inserem e se associam, para ser e estar, insurgências de habitar a cidade. Diante do processo de acolher-se, de encontrar um canto, de viver em um lugar que pode se chamar de seu, daquilo que Lefebvre (1990) pensa quanto a apropriação do espaço como resistência de algo que também é seu, que também foi construído por si.

Mas ser e estar não implicam na ausência do movimento, nunca. Constrói-se a cidade, se finca uma língua, várias línguas, se brinca, se ri, têm-se filhos e chora. Construímos e destruimos, e encontramos alheamente pessoas por quem já passamos no interior de um lugar da Paraíba, de Pernambuco, do Piauí, enfim.

Mas, de onde parte e como se vê esse movimento? Existem outras estratégias migrantes?

“O pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável de mundo” (ROLNIK: 2011, p.43). Assim, Suely Rolnik acena para a construção das representações e das referências internas e externas que estabelecemos no mundo, nos nossos mundos e no mundo dos outros. Porque, para o mundo do outro, é preciso saber quem é, de alguma forma, o outro, mesmo que pela troca de olhares, mesmo que pela troca de vibração do olhar, da boca, dos fluxos, do desejo.

Quem é e o que é esse desejo? Quem é esse sujeito que escreve e mostra a cara como migrante? Iniciamos a perspectiva do migrante como sujeito com Rolnik (2011) não por acaso. O sujeito é o outro e o corpo do outro, quando aqui e agora, ele mostra uma máscara, uma vestimenta, para *aquele* outro, para o outro que emana um produzir, um fluxo de incessante relação que envolve o sujeito. Para ela, essas máscaras, essa vestimenta são uma cartografia *dançante*, uma baliza que vai e vem em curvas instáveis, mas que possui uma função e uma ordem muito bem elaborada por um processo de produção do conhecer, do ser e do estar.

As máscaras, os rituais, as balizas de cartografia – os territórios –, configurações *mais ou menos* estáveis, atravessam terras e grupos os mais variados. São transversais, transculturais [...] Não existe sociedade que não seja feita de investimentos de desejo nesta ou naquela direção, com esta ou aquela estratégia e, reciprocamente, não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de atualização de um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade [...] O desejo é a própria produção do real social. E um último: **só há real social** (Grifo nosso. ROLNIK, 2011, p. 58).

O sujeito produz territórios no momento em que ele tenta dominar a relação a partir de suas cartografias, de suas estratégias. Não há, dessa maneira, exclusividade do pensar e do desejar, não se deseja ou almeja somente quem se insere em uma lógica perversa ou o contrário, quem se prontifica, a partir de um aparato simbólico amplo de cultura, a dispor de um conhecimento normatizado. Desejar e cartografar são imanentes às relações de troca com os corpos.

Também, o sujeito não é o sujeito individualizado em uma relação de si mesmo consigo mesmo. Se só há real social, só o real do sujeito, se ele entra em conflito ou em corporeidade com o outro, construindo territórios e deformando suas máscaras com outras máscaras, nesse aqui e agora. Rolnik (2011), em alusão a Félix Guattari, atribui o termo micropolítica onde as intensidades dessa cartografia se explanam, se escancaram numa realidade múltipla e deveras complexa. Cartografar, portanto, é uma operação estratégica de inventar, de angariar e efetuar relações.

Estratégias e micropolíticas se comunam, se articulam e se produzem na formação e produção de novos caminhos, não tão estáveis nem tão instáveis, pois são eles que inscrevem e grafam marcas nos espaços, mesmo quando essas grafias são invisíveis, omitidas.

Deleuze e Guattari (2008b), para traduzir a essência dessas micropolíticas, evocam o sentido de uma cartografia das linhas que se cruzam e se refazem entre os seres, e em específico os seres humanos. Dentre essas linhas, as linhas traduzidas e devoradas pelo cartógrafo. Para Rolnik (2011), o cartógrafo tem a finalidade de analisar e refletir sobre as estratégias do desejo e da formação do desejo em planos que elevam ou invertem os conceitos de sociedade e de indivíduos. A ideia, portanto, não é objetar o sujeito, mas individualizá-lo em um processo de oposição, de dubiedade, de contração de forças e de poderes alheios aos seus próprios poderes de cartografar, de produzir linhas.

O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe a fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho [...] O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na *adjacência das mutações* das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito ilimitado do processo de produção da realidade, que é o desejo (ROLNIK, 2011, Pp. 66-67).

O cartógrafo, para a autora, assume um papel importante também na percepção das mudanças das estratégias da produção de desejo que um determinado grupo alcança, e que estabelece essa produção como parte de um processo de relações externas – o que Deleuze e Guattari (2010) irão chamar de agenciamentos. No caso do Brasil, uma das análises de Rolnik é que o cartógrafo constata uma mudança séria no plano de consistência de criação e produção dos desejos. A essa mudança ela se refere como uma *síndrome de carência-e-captura* (p. 105), pois as estratégias não têm tempo para serem digeridas, Os desejos não conseguem nem serem processados e maquinados (DELEUZE; GUATTARI, 2010) pelos corpos ao ponto de inserirem planos de consistência, platôs de relação. A desconfiança e os agenciamentos coletivos, que percorrem um grupo de corpos e simulam subjetivações – aquilo que Foucault (2004) propõe como processos de subjetivação – tornam-se o refúgio menos apertado à angústia de não ter ainda largado o tempo, aquele tempo que cresceu e se desenvolveu muito, na beira da saia do Estado e do capitalismo.

Algumas relações podem ser cruzadas em Rolnik (2011), no que tange à discussão deste trabalho. O desejo, inerente e imanente, é também o propulsor de estratégias migrantes. O desejo, inerente e imanente, é também fonte e recurso para a construção das estratégias de ser e estar na cidade.

Ao chegar na cidade, as informações são construídas, as estratégias mobilizadas, o processo produto do desejo alimenta novas formas de fazer-se migrante, mas também fazer-se cidade. Ocorre aí um deslocamento: o migrante na cidade encerra uma das etapas de sua *transitoriedade* (GOETTERT, 2008): o trânsito de ser do lugar que partiu para ser um migrante. Primeiro efeito de verdade (FOUCAULT, 2004), primeiro agenciamento.

Contudo, a consciência da inadaptabilidade no lugar deixado, o orgulho humano de viver sob suas lanternas próprias, a força e determinação de procurar por algo melhor, cravam no chão da cidade uma nova cidade, a cidade migrante que não o vê, que o mascara como migrante-problema. Estratégias de permanência são (re)produzidas no espaço. *E o pulso ainda pulsa, e o corpo ainda é pouco...*

A mobilidade não é necessariamente interrompida no processo de permanência. As estratégias de permanência podem até garantir as relações de ser e estar na cidade, mas ser e estar na cidade também implicam fazer da cidade o *seu* lugar. Fazer o seu lugar implica mobilidade. A luta, pois, é para construir estratégias de mobilidade, além das de permanência.

Considerar o lugar como seu é uma das primeiras respostas dadas, não somente pelos migrantes em uma determinada localidade, mas por moradores, por exemplo, que vivem em áreas marcadas para remoção no centro da cidade do Rio de Janeiro. O lugar aparece como foco central na relação íntima com a cidade. Mas essa relação íntima acaba se restringindo a um determinado lugar. Dessa forma, a cidade pode ser considerada um lugar?

Para Doreen Massey (2000, 2007, 2008), o sentido de lugar tem de mudar para a escala global-local, no tocante às relações múltiplas e ao movimento do espaço que também é múltiplo. Estratégias de mobilidade precisam ser percebidas e não ignoradas, não omitidas por ninguém.

Há diferenças no grau de movimento e comunicação, mas também no grau de controle e de iniciação [...] Não se trata simplesmente de distribuição desigual, de algumas pessoas movimentarem-se mais do que outras e que alguns tenham mais controle do que outros. Trata-se do fato de que a mobilidade e o controle de alguns grupos podem ativamente enfraquecer outras pessoas. A mobilidade diferencial pode enfraquecer a influência dos já enfraquecidos. A compressão de tempo-espaço de alguns grupos pode solapar o poder de outros (MASSEY, 2000, p. 180).

A gravidade se dá no discurso do problema migrante-problema ser uma máscara de suporte ao enfraquecimento e ao controle das mobilidades na cidade. A gravidade está na influência de uma palavra travestida não de fragilidade, mas de gritos, ao se tratar da fragmentação e da contradição existentes entre o espaço

urbano e o espaço habitado. Mais ainda, a gravidade está no ato inconsistente da prática de um discurso voltado para a inferiorização e classificação de sujeitos que podem ou não transitar, mobilizar-se na cidade.

Não à toa que compreender o sentido de multiplicidade no espaço é importante para analisarmos com acuidade a mobilidade e as estratégias surgidas pelas relações de poder e controle que se sobrepõem ao poder de *outros espaços* (FOUCAULT, 2003). Encontramos em Deleuze (2005), em diálogo com Michel Foucault, uma transposição do conceito de multiplicidade e sua *genealogia*. A multiplicidade não mais como intensidades de duração, mas também como relatividade de contextos (que geram o espaço-tempo múltiplo, tal como Massey destaca).

O essencial da noção é, porém, a constituição de um substantivo tal que “múltiplo” deixe de ser um predicado oponível ao Uno, ou atribuível a um sujeito referenciado como uno [...] Só há multiplicidades raras, com pontos singulares, lugares vazios para aqueles que, por instantes, vão aí funcionar como sujeitos, regularidades acumuláveis, iteráveis e que se conservam em si. A multiplicidade não é nem axiomática nem tipológica, mas sim topológica (DELEUZE, 2005, p. 27).

O caráter relacional do espaço e de sua *topologia* não aponta a superficialidade de sua importância, muito pelo contrário, atenta para as nuances e sutilezas quando se diz, por exemplo, “*o nordestino quer mesmo é ficar em um lugar onde ele se lembrará de seu passado*”. Muitas vezes – e como percebido, na imensa maioria das falas, trocas e olhares dos entrevistados – não é o que ocorre. Se as estratégias de mobilidades são de alguma maneira construídas, é exatamente porque a mobilidade é sensível aos olhos e ao conhecimento de sua própria inserção na cidade e para a cidade.

Também, a falta de deslocamento para áreas da cidade em que se encontram muros simbólicos, “espaços de exceção” que hierarquizam o andar e o desvendar a própria mobilidade do sujeito, construindo e desvendando mais estratégias, é o que menos ocorre nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, inclusive nas que se encontram na chamada “área nobre” da cidade. Não só na construção de enclaves simbólicos para a interpelação da mobilidade nesses espaços a partir do Estado e de quem produz agenciamentos de poder (DELEUZE, 2005) nas favelas, mas também das relações e barreiras enfrentadas pelos moradores em simplesmente se deslocar.

É a partir de Foucault (2003), que conseguimos desvendar a ideia desses espaços calçados em uma multiplicidade às avessas, onde estar na “cidade maravilhosa” é diferente de ser cidadão porque, apesar da compreensão do múltiplo das espacialidades, atravessam por elas *utopias e heterotopias*.

Em primeiro lugar, existem as utopias. As utopias são sítios sem lugar real. São sítios que têm uma relação analógica direta ou invertida com o espaço real da Sociedade. Apresentam a sociedade de uma forma aperfeiçoada, ou totalmente virada ao contrário. Seja como for, as utopias são espaços fundamentalmente irreais. Há também, provavelmente em todas as culturas, em todas as civilizações, espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade – que são algo como **contra-sítios**, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles refletem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, **heterotopias** (FOUCAULT, 2003, pp. 415-416. Grifos meus).

As heterotopias incorporam sentidos de espaço e geram relações de poder peculiares que apreendem o sentido do espaço múltiplo e relacional. Porque eles estabelecem vínculos de poder, tanto como homogeneizam o espaço a partir de uma discursividade, de enunciados que engendram perspectivas de espaço. A considerar que, em uma cidade em que seus moradores não raro desconhecem lugares que são frequentemente visualizados e inseridos no consumo visual da paisagem da mídia, das propagandas, de um imaginário de cidade, acaba-se por mascarar a cidade da cidade e de seus sujeitos.

As heterotopias formam também essas fendas de desconhecimento que também são agenciadas, são forçadas a um discurso de estar na cidade sem ser da cidade, que é aparentemente de conformismo e resignação, mas é também de produção de desejos e pulsão de uma realidade inalcançável.

Essas heterotopias também são formadas não pelo desconhecimento da multiplicidade do espaço – muito pelo contrário –, elas estão como basilares do entendimento dessa multiplicidade e a necessidade errônea de travesti-la em problema, em despropósito e deselegância. Como se as estratégias de ser, de estar e de se deslocar – e descolar, nas palavras de Rolnik (2011) – da cidade fossem passíveis de abismos, de esconderijos e de fugas das nossas próprias realidades. As heterotopias são, assim, convenientes para construir uma realidade de paradoxo, onde hierarquias são exibidas como fontes de recurso da cidade, onde associações de moradores e relações em rede de poder – tráfico e milícias, por exemplo – são fonte de conhecimento de outras estratégias e de solidificação dessas estratégias para sujeitos.

O espaço se constroi no aqui e agora. As estratégias de mobilidade são também estratégias de identidade que se intercalam a partir de suas configurações com os lugares, com os espaços. Para Massey (2008), os espaços e as estratégias se fazem e perfazem a partir do conflito, e o conflito gerado é a possibilidade de mudança, também de posicionamento e conhecimento.

“Aqui” é onde as narrativas espaciais se encontram ou formam configurações, conjunturas de trajetórias que têm suas próprias temporalidades. Mas onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história. São os retornos (o meu, o dos pássaros) e a própria diferenciação de temporalidades que proporcionam continuidade. Mas os retornos são sempre para um lugar que transformou as camadas de nosso encontro interceptando e afetando um ao outro, a tessitura de um processo de espaço-tempo. Camadas como a adição de encontros. Assim, algo que poderia ser chamado de “lá” e que desse modo está implicado no aqui e agora. “Aqui” é um imbricar de histórias no qual as espacialidades dessas histórias (seu então tanto quanto o seu aqui) está, inescapavelmente, entrelaçada. As próprias interconexões são parte da construção de identidade (MASSEY, 2008, Pp. 201-202).

Intervir sobre o espaço dos outros, cientes dos outros espaços, é uma estratégia também. Estratégia que faz nos faz atentar para o cuidado de análise dessas multiplicidades e dos jogos, dos agenciamentos de poder engendrados por determinados grupos a fim de mascarar as estratégias de mobilidade e os recursos a essas estratégias.

A identidade na migração está no reconhecimento do movimento e da mudança, aberta à possibilidade de compreender o conflito. A identidade na migração também está no papel, daqueles que ficaram, de perceber a multiplicidade e a diferença naquilo que não vemos agora e podemos ver num futuro sem especulações, na infinitude do espaço. A migração na identidade é imanente ao ser, migrante independente da mobilidade, sem potencializações de sua força de trabalho ou de sua necessidade, é a compreensão do movimento no e do espaço, assim, a abertura à territorialidade efetiva, de si mesmo (ou, para Deleuze e Guattari, a desterritorialização como linha de fuga, que resulta do “romantizado” conceito de nomadismo).

Identidade na migração e migração na identidade não totalizam as noções de consciência, ou como Milton Santos (1991) reflete em relação à consciência da construção do espaço para o migrante, mas nos mostram que, para entender a migração, o complexo geográfico, que se faz na mobilidade e perpassa a noção

fixa de espaço, desloca nossos receios para a abertura do novo, e abrindo o novo, trazemos à tona o conflito, para estabelecermos um lugar aqui e agora, em negociação com a identidade, e começar novamente a espacialização.

3 AS ESTRATÉGIAS DE MOBILIDADE E PERMANÊNCIA VIA IMIGRANTES HAITIANOS

Essa interação não é simples nem uniforme. Ela é fruto de um amarrado histórico e espacial, tanto por parte do Brasil quanto por parte do Haiti. É nesse amarrado histórico-espacial que é possível observar a construção das estratégias múltiplas dos imigrantes, do Estado haitiano, do Estado brasileiro, as heranças sociais construídas nas políticas de imigração no Brasil, até a chegada de imigrantes haitianos de forma mais contundente, a partir de 2010.

Essas estratégias – estudadas e analisadas a partir dessas interações – aqui são denominadas de estratégias de mobilidade e estratégias de permanência. Essas estratégias vindas do migrante trazem todo o potencial de transformação política, trazem o embate e o conflito à norma conservadora, ao preconceito e ao que formatamos como certo ou como verdade. Qual é a verdade de cada migrante que chega? Essas estratégias trazem um pouco dessa emoção de cada um, aquela lágrima que não cai, mas que fica ali na garganta e segue com a vida, com a sua diáspora.

As estratégias – de mobilidade e permanência – são múltiplas e mutantes. A multiplicidade delas requer uma reflexão que vai além da relação com o Estado ou da relação trabalho. Para compreendê-las na sua complexidade, a reflexão geográfica é fundamental, pois o espaço requer que essas estratégias coexistam com as demais – do Estado, da sociedade, de outros agentes que se cruzem com os imigrantes. A coexistência das ações de cada agente revela as dificuldades de apreender todo um jogo de relações de poder.

Tais estratégias possuem relação intrínseca com o lugar deixado e o lugar chegado, e assim como os migrantes promovem (sempre) politicamente estas estratégias, outros agenciamentos também o fazem conforme a emergência dos acontecimentos.

O que decorre na reflexão da diáspora haitiana para o Brasil é que as estratégias de mobilidade de grupos haitianos divergem das estratégias de mobilidade do Estado e, por vezes, propriamente da sociedade brasileira. Conforme abordado, as heranças geográficas e históricas das políticas de imigração no Brasil impulsionam uma série de desacordos, além de uma diversidade de entendimentos aos novos fluxos migratórios.

Essas estratégias de mobilidade promovem novas frentes de análise e de inserção de políticas efetivas a grupos migrantes. Em conjunto com estratégias de permanência, visualizam-se o espraiamento e a capilaridade dessas frentes em diversos espaços no Brasil. São Paulo, desta maneira, é o epicentro e o cruzamento dessas novas estratégias de permanência.

As estratégias de permanência possuem três elementos intrínsecos à sua consolidação. O primeiro elemento consiste nos *agenciamentos dos migrantes*, isto é, no conjunto de práticas e discursos dos imigrantes que os levam até o Brasil e que os fazem se mobilizar pelo país.

Vimos que a capilaridade é um dos reflexos de suas estratégias de mobilidade, tal qual também é de permanência. Mas verifica-se que as estratégias de permanência estão numa escala menor que as de mobilidade nesse sentido. As relações entre o local são muito mais definidas e definem também o próximo passo do migrante. As redes sociais de migração são de profunda importância no desenrolar destas estratégias.

Um dos suportes de apoio e *savoir-faire* (saber-fazer) dos imigrantes haitianos é o sentido dado ao encontro e promoção de diálogo via o que se denomina por *baz* pelos mesmos. No *baz*, os encontros estabelecem primeiramente uma territorialidade, já que os pontos de determinado grupo serão sempre em um local fixo, escolhido pelos imigrantes. Após, eles aportam novos contatos e novas redes de imigrantes já no Brasil ou a chegar.

Ao mesmo tempo, esse território e essa territorialidade podem se deslocar conforme os acontecimentos e as disputas do determinado lugar. O mais importante é que o poder de mobilização é reforçado a partir dessas territorialidades, e fundamentalmente na promoção de territorialidades, relações de poder e formação de espaços, sejam de diálogo ou de enfrentamento, são promovidas. No que são promovidas, a insurgência em relação ao estabelecido e contrário aos agenciamentos dos imigrantes torna-se mais frágil.

Nesse sentido, a fragilidade dos agenciamentos, das práticas e discursos dos outros que, como vimos, apontam o migrante como um problema, acentuam as disparidades, mas também a consolidação de um debate e de um enfrentamento da realidade vivida por estes mesmos imigrantes. Do enfrentamento e da discussão é possível a promoção de políticas públicas e/ou públicas ou de inclusão social para migrantes, que, assim, são postas à mesa.

O segundo elemento das estratégias de permanência refere-se aos *agenciamentos dos outros*, isto é, às ações que acentuaram ou escamotearam a vinda de imigrantes. Vários são os aspectos que possibilitaram a mobilidade para o Brasil, conforme apontado nos capítulos anteriores. É notório que o terremoto foi um vetor de entrada, assim como aparente resposta do Brasil à entrada de haitianos. Mas foi também a justificativa ilusória de contratar imigrantes em trabalhos menos qualificados.

Os desdobramentos dos encontros e o formato coletivo da diáspora haitiana permitem confrontar essa passividade na relação trabalho. Outro aspecto que dá poder de mobilização é o fato de muitas organizações de apoio a migrantes estimularem a criação de entidades pelos próprios, o que, no caso dos haitianos, rapidamente ocorreu. Conforme vimos a partir de Handerson (2015),

as Associações de Imigrantes Haitianos espalhadas pelo país são inúmeras. Posteriormente discutir-se-á essa questão mais a fundo, mas adianta-se o caráter associativista dos imigrantes haitianos permitir a maior consolidação das estratégias de permanência.

É possível perceber a complexidade dos diferentes níveis de interação entre agenciamentos. As entidades e organizações não governamentais conseguem de forma mais clara a intersecção com imigrantes, ao ponto de se transformarem em atores fundamentais em suas redes sociais, como em São Paulo, quando é a Missão Paz a procurada por haitianos recém-chegados. Estado e mercado encostam, formando uma tangente dúbia, que aproxima, mas ao mesmo tempo promove o choque e o conflito de interesses entre os agenciamentos dos imigrantes. O restante da sociedade aqui se torna distante porque em grande medida sua tangente e sua intersecção não têm escala de representação, isto é, ainda são baixas suas interações.

Pode-se empreender que o ideal é uma política pública que abarque o imigrante em sua complexidade, em sua multiplicidade e que consiga remover as contradições entre agenciamentos, indicando constructos de cidadania, democracia e vida, amarrando suas potencialidades, o desenvolvimento territorial e político que esses imigrantes promovem constantemente em seus processos *diaspóricos*, em suas estratégias de mobilidade e de permanência. Seria, portanto, um processo político pensado coletivamente entre agenciamentos, em que o conflito não deixe de existir, que a discussão possa evoluir para propostas públicas de inserção e promoção social, de transformação da dimensão do mundo entre sociedade civil e Estado, em que a gestão das políticas migratórias contemple os desejos, os agenciamentos, as estratégias migrantes dos imigrantes.

NOTAS

¹ É interessante a reflexão de que “bem mais, existem formações despóticas, de imanência e de canalização, próprias aos rizomas. Há deformações anárquicas no sistema transcendente das árvores; raízes aéreas e hastes subterrâneas.”, isto é, relações mais horizontais e reticulares no espaço podem ter características e discursos autoritários enquanto hierarquias e relações hierárquicas possuem mecanismos e manifestos mais socializantes e possivelmente opositores. O que importa, assim, não é o atributo político ou a maneira política de se manifestar, mas em quais relações de poder e quais interesses em manifestar o poder se exerce em um determinado grupo, em um determinado espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010a.
- _____. **Foucault**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. **Leibniz e a dobra**. São Paulo: Editora Papyrus, 2008.
- _____. e GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro. Editora 34, 2010.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 1. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 2. Rio de Janeiro. Editora 34, 2008a.
- _____. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol 3. São Paulo: Editora 34, 2008b.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- _____. Outros espaços. In.: **Ditos e Escritos**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.
- GIDDENS, A. **Dualidade da estrutura: agência e estrutura**. Portugal: Celta Editora, 2000.
- _____. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOETTERT, J. D. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. Dourados, MS: UFGD, 2008.
- HANDERSON, J. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. – Tese em Antropologia. 2015. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2009.
- _____. Conversa com Henri Lefebvre. In.: **Espaço e Debates**. nº 30. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1990.
- _____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MASSEY, D. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. **Revista Expressões Geográficas**. Florianópolis: n. 3, 2007.
- _____. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2008.
- _____. Um sentido Global do Lugar. In.: ARANTES, Antonio A (org.). **O Espaço da diferença**. Campinas: Ed. Papyrus, 2000.

MARTINS, I. M. M. **A cidade, o migrante, o espaço – o migrante nordestino na cidade do rio de janeiro**: suas estratégias e seus agenciamentos. Dissertação de mestrado em Geografia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1991.

SAYAD, A. **O migrante e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. In.: **Travessia, nº Especial**. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2000.

RESUMO

O presente artigo propõe discutir as múltiplas estratégias de mobilidade e permanência indissociadas de grupos migrantes sob a ótica dos agenciamentos. A grande problemática das estratégias de mobilidade e permanência entre migrantes é que, tal como Abdelmalek Sayad aponta, não são consideradas e mencionadas na pauta de políticas públicas e sociais que, na maioria das vezes, ratifica e reforça o problema “migrante-problema”, acarretando uma espiral de sucessivas práticas que inferiorizam e articulam o migrante somente na escala da relação trabalho que, na realidade, é um dos agenciamentos formados na construção do trânsito e das estratégias de migrantes. O caso dos migrantes oriundos do Haiti, que vieram ao Brasil é emblemático, pois suas estratégias envolvem um universo próprio e assentado em uma territorialidade peculiar, no qual a articulação política de suas estratégias foi bastante evidenciada, promovendo mudanças importantes no processo de apoio e pautas políticas no Brasil para com imigrantes internacionais.

Palavras-chave: agenciamentos, estratégias de mobilidade, estratégias de permanência, imigrantes haitianos.

ABSTRACT

The paper aims to discuss multiple strategies of mobility and permanency undissociated from migrant groups under the sight of agencies. The great issue of strategies of mobility and permanency among migrants is that, as Sayad points out, are not considered and mentioned in public and social policies, what results in a spiral of successive practices that undermine the migrants limited on the labor relationship scale, but in fact is one of the agencies produced on the transit and the strategies of migrants. The case of the migrants from Haiti who came to Brazil is emblematic because their strategies involve a universe based on a peculiar territoriality that the political articulation of their strategies was evidenced promoting important changes in the support of political policies in Brazil referring to international immigrants.

Keywords: agencies, strategies of mobility, strategies of permanency, Haiti, migrant.

